



GT 11. Antropologia das Práticas Juvenis

Coordenador(es):

Frank Nilton Marcon (UFS - Universidade Federal de Sergipe)

Mylene Mizrahi (PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

O presente GT tem como objetivo reunir trabalhos resultantes de pesquisas em conclusão ou em andamento, que tenham como foco de investigação as práticas juvenis em suas mais diversas expressões. Mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas no ocidente, especialmente na segunda metade do século XX, produziram alterações significativas nas subjetividades juvenis, promovendo mudanças no conjunto das experiências que por muito tempo definiram os sentidos de “ser jovem” e “ser adulto”. Atualmente, as pesquisas antropológicas tem lançado mão de diferentes abordagens teóricas e metodológicas para a compreensão das práticas juvenis, das quais se destacam a influência das teorias da agência, dos estudos sobre performativity, das abordagens disposicionalistas, como também de uma releitura dos Cultural Studies. Desse modo, fazer uma antropologia das práticas juvenis em nosso atual contexto, trata-se não apenas de estar atento às mudanças nos repertórios de sentidos acionados pelos/as jovens, como também de se abrir para possibilidades interpretativas advindas de outros campos do saber. Serão aceitas para o debate nesse grupo de trabalho, pesquisas, especialmente etnografias, que se dediquem ao estudo das práticas juvenis a partir de diferentes temas, tais como: sociabilidades e territorialidades; gênero, sexualidade e relações étnico-raciais; educação, trabalho e profissionalização; arte, estética e performativity; entre outros

Hip Hop e a Construção de Práticas Juvenis em Porto Alegre/RS: Um Olhar Antropológico sobre o Tema.

Autoria: Diogo Raul Zanini (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O problema deste artigo visa trazer elementos etnográficos de uma pesquisa sobre processos de socialização, de formação e transmissão de conhecimento entre jovens. A pesquisa, no caso, se realizou em espaços do movimento e da cultura Hip Hop em Porto Alegre/RS. Como esses jovens e suas práticas se colocam e instrumentalizam a partir do Hip Hop? O que os mobiliza? São questões que o presente work se propõe a problematizar. Podemos perceber o movimento e a cultura Hip Hop em uma relação histórica com as lutas por reconhecimento e emancipação da juventude negra no Brasil e em outros países do mundo como os EUA. Atualmente muitos jovens formam a cena Hip Hop em Porto Alegre. A cena é diversa. E pensar as práticas juvenis, nesse contexto, requer levar em conta essa diversidade composta por vários espaços e seus agentes. O objetivo deste work é contribuir para o debate em torno das compreensões do tema das práticas juvenis na Antropologia e das Ciências Sociais.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: